
O Universo Espiritual e Cultural da Primeira República Negra: Haiti

Joseph Handerson *

A explosão não terá lugar hoje. É pronto demais... Ou tarde demais. Não venho armado de verdades absolutamente decisivas. Minha consciência não está transida de resplendores essenciais. Embora, com autoridade e muita certeza, penso que seria importante dizer algumas coisas que vale a pena que sejam expressas (FANON, 1973, p. 7).

Resumo: Este artigo apresenta a realidade religiosa e cultural do mundo haitiano, especialmente a religião popular sincretista deste povo o “Vodu”. O estudo não pretende promover o voduísmo, não é uma defesa dele, nem sequer uma análise filosófica do universo espiritual e cultural desse povo, mas intenta reportar seus mistérios e crenças exóticas, esclarecendo e informando nossos leitores. Apresenta-se o Vodou como uma visão do mundo, a luta de um povo para afirmar a sua identidade, por meio de uma revolta contra as condições dramáticas de sua história. O “Vodu”, de certa maneira, é a história da resistência à escravidão. Essa resistência se fez justamente sobre a base das crenças dos antepassados. O objetivo final deste trabalho é mostrar como o “Vodu” não é só Religião, mas também Cultura, uma tomada de consciência do povo negro para garantir-se contra a existência infeliz. Em suma, ele oferece enraizamento e finalidades para este povo. Permite-lhe encontrar-se no mundo, interpretar-se como seres racionais e apreender-se, em sua qualidade especificamente humana.

Palavras-chave: cultura; religião; Vodou; Haiti; civilização-negritude.

* Haitiano. Acadêmico do Curso de Graduação em Filosofia da UCPel.

VODU COMO RELIGIÃO

A interpretação aqui feita é nova: apresenta o Vodou como uma visão original do mundo e traduz o esforço de um povo para afirmar-se, a despeito das condições dramáticas de sua história, que o fizeram passar da escravidão e da dominação estrangeira para o subdesenvolvimento e ditadura política.

Como culto familiar e coletivo, o Vodou é a prática, por excelência, no qual o haitiano se esforça por reencontrar a identidade perdida com a separação da África e a opressão econômica e social que o persegue da escravidão até hoje, visto que a euforia da Independência, em 1804, quase nada durou. Um estudo comparativo entre os costumes religiosos fon e ioruba mostraria com certeza, força da africanidade do haitiano.

Segundo Laënnec Hurbon, na base do culto do Vodou, está o desejo do haitiano de se reportar ao lugar em que o sentido das coisas e dos acontecimentos não foi abalado: o seu próprio universo simbólico. Aí, a África perdida torna-se presente, os antepassados reaparecem, recompõe-se a ruptura da História (HURBON, 1988).

1. O seu contexto histórico

O Vodou está ligado ao Haiti, por isso vamos primeiramente conhecer um pouco desse misterioso país localizado no Caribe. A palavra Haiti significa “país montanhoso”, é o nome de uma grande ilha localizada nas Antilhas, descoberta por Cristóvão Colombo em 1492, ocupando um território de 27.750 km². O Haiti tem mais ou menos 9 milhões de habitantes. O Francês e o Creole são as suas línguas oficiais. Nos primórdios da história do descobrimento, era usada como base de piratas, os quais interceptavam navios que viajavam da América para a Europa, França e Espanha lutaram pelo domínio desse território.

O termo *Vodou* (ortografia beninense; também *Vodu* ou outras ortografias foneticamente equivalentes no Haiti; *Vodu* ou *Vodum* em português) aplica-se aos ramos de uma tradição religiosa teísto-animista baseada nos ancestrais, com raízes primárias entre os povos Fon-Ewe da África Ocidental, no país atualmente chamado Benin, anteriormente Reino do Daomé, onde ele é hoje em dia a religião nacional de mais de sete milhões de pessoas. Além da tradição Fon, ou do Daomé, que permaneceu na África, existem tradições relacionadas a raízes lançadas no Novo Mundo, durante a época do tráfico transatlântico de escravos africanos.

Para além do Benin, o Vodou africano e as práticas que dele derivam podem ser encontrados na *República Dominicana, Porto Rico, Cuba, Brasil, Gana, Haiti e Togo*. Ao Brasil, os escravos vinham da Nigéria (cultura Ioruba e Bantos), enquanto ao Haiti, a maioria era trazida do Reino de Daomé, (cultura Fon), na costa da Guiné da África ocidental, cujos descendentes foram os primeiros praticantes do Vodou. Isso explica a diferença entre os costumes religiosos dos negros do Haiti e do Brasil. Outra diferença marcante a ser salientada encontra-se entre o Vodou africano e o haitiano, devido aos seguidores deste terem sido obrigados a disfarçar seu Lwa (loa) ou espíritos como santos católicos romanos, num processo chamado sincretismo.

Apesar de o Vodou chegar ao Haiti nos séculos XV e XVI, as pesquisas realizadas não conseguiram desvendar a sua origem exata. Pergunta-se por que e a resposta é ser ela múltipla e complexa, pois todos os povos da África, de uma maneira ou de outra, contribuíram com diversos elementos para formar essa religião, como os povos Ibo e Congo da África Central e Ioruba da Nigéria. Também é importante esclarecer que o vodou haitiano não é simplesmente uma mistura das religiões africanas ocidentais com um verniz de Catolicismo Romano.

Tal afirmativa ignora numerosas influências indígenas Taíno, assim como o processo evolutivo a que o Vodou se submeteu ao longo da História do Haiti. Também estaria ignorando a grande influência do paganismo europeu no Catolicismo Romano e o panteão dos seus próprios santos. Esse sincretismo permite que o Vodou abranja o africano, o indígena e os antepassados europeus, de uma forma inteira e completa. É verdadeiramente “Religião de Kreyòl” (Crioulo).

De certa maneira, o Vodou se apresenta como uma resposta à exploração do cativo, do imperialismo econômico, social e cultural dos brancos. Significou desde cedo, linguagem própria, a consciência de sua diferença em relação ao mundo dos senhores, a força que aguçaria a sua capacidade de luta.

O código negro de 1685 institucionaliza a escravidão, considerando os escravos como mercadoria; tudo se vende e se compra em troca de produtos europeus: armas, pérolas utensílios etc. Eles eram obrigados a fazer trabalhos forçados, sendo o trabalho gratuito, e submetidos à humilhação e à ferocidade. O horário do serviço era exagerado: da aurora ao pôr-do-sol no tempo ordinário e às vezes, toda a noite no tempo da colheita. Assim, as plantações se tornaram férteis a partir do suor e do sangue dos escravos para o enriquecimento dos senhores.

Nas plantações de cana e nas oficinas, eram reunidos escravos de etnos diferentes, aos quais os senhores davam novos nomes. Uma forma para que os negros esquecessem sua terra de origem, os cultos africanos, a sua religião, a sua língua, e assim por diante. “Os negros não eram mais negros, mas também não eram brancos” (HURBON, 1988, p. 8).

E depois, o que receberam como recompensa? Nenhuma satisfação! Nenhuma remuneração de qualquer forma nem alimentação suficiente. Um historiador da Trinidad e Tobago, Robert James, fez uma observação a respeito: “O que deram de alimento a um escravo para uma semana, era só suficiente para três dias... Neste caso, muitos escravos passavam o resto da semana sem comida”.

Isso mostra a forma desumana utilizada pelo colonizador para evitar o risco de uma revolta dos escravos. Até os castigavam corporalmente, chicotando-os e lhes arrancando os dentes. O contexto não podia nunca oferecer aos escravos a quietude do espírito. Portanto, o Vodou é uma resposta a tais humilhações, aos trabalhos forçados, ao preconceito de cor, características da sociedade colonial. Desde então, “o Vodou é um produto de inquietude, de angústia que leva à revolta”.

A intenção dos senhores de escravos era apresentar um “Jesus” que tornaria o escravo obediente e dócil. Supunha-se que Jesus faria do povo negro melhores escravos, isto é, fiéis servos dos senhores brancos. Mas muitos negros rejeitaram aquela visão de Jesus, não apenas porque ela contradizia sua herança africana, mas também porque contradizia o testemunho das escrituras (CONE, 1985).

Na verdade, o desenvolvimento econômico de Santo Domingo dependia da cana-de-açúcar. Logo, os escravos aumentaram em número, os proprietários tornaram-se mais exigentes, mais inumanos. Nessas condições, o desenvolvimento econômico da colônia e o crescimento de volume da sociedade colonial foram acelerando o processo de formação do Vodou. Este processo terá um caráter evolutivo, pois o Vodou haitiano não foi formado de um dia para outro. Ao longo de três séculos foi-se transformando para permitir a fusão do naturalismo dos indígenas, dos mitos e das crenças.

Os elementos da cultura indígena se fazem presente no Vodou pelo tcha-tcha (Age), também pelas pedras chamadas *pedra de raio*. A África representa a maior parte do Vodou haitiano. Também conhecemos expressões como essas: ginen, sèvi ginen, pitit ginen (ginen, servir o ginen, filho do ginen). No seu sentido

esotérico, o vocábulo ginen engloba toda a mística das crenças dos antepassados, faz lembrar a nostalgia da pátria, da terra natal onde Deus e os homens viviam em perfeita comunhão. O culto dos antepassados implica uma homenagem a esses, dando-lhes de comer entre outras ações. Por fim, considera-se o pitit ginen como um assumir a sua origem africana por todos que têm a ver com a África, histórica, mental ou culturalmente.

A colonização e a escravidão aceleraram o processo da formação do Vodou. Em vários lugares e regiões, onde os brancos impunham a sua lei e a sua religião, surgiram profetas que incentivavam o povo à revolta, anunciando o outro lado da moeda, uma outra fase, quando os brancos seriam humilhados e as tradições indígenas restauradas na sua antiga glória.

Depois de Mackandal, grande líder da revolta dos escravos, o Boukman organizou, num lugar chamado Monte Vermelho, a 14 de agosto de 1791, um congresso político, dando-lhe início com uma cerimônia do Vodou. A cerimônia mais importante historicamente do Vodou na história do Haiti era a *Bwa Kayiman* ou *Bois Caïman*. Daí começou a Revolução Haitiana, em que o espírito de Ezili Dantor possuía um clérigo e recebia um porco preto como oferenda, e todos as pessoas presentes comprometiam-se com a luta pela liberdade. Essa cerimônia resultou finalmente na libertação dos povos do Haiti da dominação colonial francesa em 1804, e o estabelecimento da primeira república de povos negros na história do mundo. Daí, os negros passaram de um modo de vida a outro mas não de uma vida a outra.

Desde aquele momento, reconhece-se essa data como a oficial da formação do Vodou haitiano. Porém, concordamos com Alfred Métraux quando ele diz assim: “Antes da revolução francesa, o Vodou era uma religião organizada, que não se distinguia de sua formação atual, de caráter fortemente marcado pelo africanismo”. O presidente haitiano, Jean Bertrand Aristides, ex-padre católico, declarou, em abril de 2003, o Vodou como religião oficial do país. Com essa posição do governo, os casamentos realizados no Vodou passaram a ser aceitos e considerados oficiais, tendo valor religioso, como ocorre com as demais religiões ao redor do mundo.

2. O seu sentido religioso

Religião significa “religare” em latim, é juntar as pessoas, ligá-las com laços de amizade. “Relegere” é ler de novo, explicar o que está acontecendo na base. Na verdade, não existe povo sem

religião, é algo permanente e essencial na vida humana, pois, é um fenômeno universal, em que o homem se relaciona com o sobrenatural para justificar os seus comportamentos. Um dos aspectos fundamentais da religião é celebrar o sagrado.

Ao longo dos séculos, a Religião tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento dos povos e muitas civilizações têm ficado profundamente marcadas por ela. A História abunda em pessoas e grupos que inspirados pela Religião têm exercido uma grande e positiva influência na História da humanidade e servido de exemplo para muitos.

Durkheim dizia que religião é uma concretização da sociedade. É espelho da sociedade, o homem em vez de adorar a Deus, adora a própria sociedade. O homem seria o símbolo da sociedade e a religião, parte fundamental do homem e da sociedade.

O crítico Karl Marx faz algumas considerações a respeito, dizendo que a religião é uma ilusão que serve aos que têm poder na mão para consolar os mais fracos. Serve também para explorar os mais pobres, para poder governar. Em outras palavras ele diz: “*É ópio do povo*” (MARX, 1977, p. 40).

Sem entrar agora em muitos excessos, um dos perigos do fenômeno religioso é de exercer às vezes uma influência alienante, isto é, de oferecer as pessoas um refúgio agradável e seguro. Muitas das análises e previsões globais de Karl Marx sobre a sociedade não se verificaram. É evidente que afirmar que a Religião é o ópio do povo é um grande exagero e esquece o papel positivo que a Religião tem desempenhado na História e que antes sublinhávamos. Por outro lado, essa sua afirmação não deixa de ser um grito de alerta para que evitemos o perigo de que a Religião exerça sobre nós uma influência alienante: um perigo sempre presente, mesmo nas grandes Religiões do mundo. Na verdade, a Religião tem como papel de libertar não de alienar.

A Antropologia nos permite esclarecer melhor: em vez de ficar só em uma definição problemática do fenômeno, os antropólogos vão descrever as crenças e as práticas religiosas percebidas tais como se observam nas comunidades praticantes. De certa forma, a própria religião contribui para a unidade de um povo, a partilha de uma experiência e de uma explicação de vida em comum. Ela estabelece um modelo de comportamento, às vezes uma resposta às vicissitudes da vida, pois uma religião é, antes de tudo, uma perspectiva do mundo, de sua criação e de seu funcionamento. E o homem tem, segundo a revelação cristã, a

possibilidade, a vocação de participar do “sobrenatural”, isto é, da natureza de Deus (RABUSQUE, 1981).

As crenças

O Vodou é uma religião da natureza. Um microcosmo onde o mundo inteiro se lê. Tem seu lugar na hierarquia de forças e de seres, em que, estão incluídos os deuses, os homens, os animais, os vegetais e os minerais. Os praticantes do Vodou acreditam na existência dos seres espirituais, que vivem em algum lugar no universo, estando completamente ligados e em comunhão com os seres humanos.

Os seus praticantes acreditam haver um Deus, o criador de tudo, chamado “Papa Bondie”, ou “Granmet” em creole, língua dos haitianos, significando Grande Mestre. O mundo celeste e o terrestre são obras Dele. Esses dois mundos estão habitados, apesar de um ser o reflexo do outro. A terra, como os seres e as coisas, tem alma. A germinação e as colheitas dependem dessa alma. A comida “mandioca” é uma homenagem oferecida à terra a uma determinada época do ano. As plantas também têm alma.

O voduísta adora Deus e serve aos espíritos, tratados com honra e respeito como se fossem membros mais velhos de uma casa. Diz-se que são vinte e uma nações ou “nanchons” dos espíritos, também chamadas, às vezes, “lwa-yo”. Algumas das nações mais importantes do lwa são o Rada, o Nago e o Kongo. Os espíritos vêm também nas “famílias” que compartilham de um sobrenome, como Ogou ou Ezili ou Azaka ou Ghede. Por exemplo, “Ezili” é uma família, Ezili Dantor e Ezili Freda são dois espíritos individuais dessa família. A família de Ogou é de soldados; o Ezili governa as esferas femininas da vida; o Azaka, a agricultura; o Ghede, a esfera da morte e da fertilidade. No Vodou dominicano, há também uma família de Água Doce ou “das águas doces”, que abrange todos os espíritos dos índios. Existem, literalmente, centenas de lwas. Os mais conhecidos são Danbala Wedo, Papa Legba Atibon e Agwe Tawoyo.

No Vodou haitiano, os espíritos são divididos de acordo com sua natureza em, basicamente, duas categorias: quentes ou frios. Os espíritos frios entram na categoria Rada e os quentes, na categoria Petro. O Vodou chamado Rada é de espírito familiar, é a magia branca, seus lwas são mais pacíficos e felizes. O Petro é o Vodou da magia negra, é o Vodou dos lwas considerados maus e negativos. Nada de bom pode-se esperar do rito Petro, incluindo o assunto do zombi. Segundo uma pesquisa feita no Haiti, dizem que 95% ou

mais do Vodou praticado no Haiti é o Rada. Nenhum é “bom” ou “mau” com relação ao outro.

Diz-se ainda que todos possuem espíritos e cada pessoa é considerada como tendo um relacionamento especial com um espírito particular, o qual é dito “possuir sua cabeça”. Assim, uma pessoa pode ter um lwa, que possui sua cabeça, ou “met tet”, podendo ou não ser ele o espírito mais ativo na vida de alguém, de acordo com os haitianos. Ao servir os espíritos, o voduísta busca conseguir a harmonia com sua própria natureza individual e o mundo em torno dele, manifestado como fonte de poder pessoal relacionado à vida. Parte dessa harmonia é preservar o relacionamento social dentro do contexto da família e da comunidade. Uma casa ou uma sociedade de Vodou é organizada pela metáfora de uma família extensa e os noviços são os “filhos” de seus iniciadores, com o sentido da hierarquia e da obrigação mútua que implica.

Há um clero no Vodou haitiano, cuja responsabilidade é preservar os rituais e as canções e manter o relacionamento entre os espíritos e a comunidade como um todo (embora isto seja responsabilidade de toda a comunidade também). Encarregados de conduzir o culto a todos os espíritos de sua linhagem, os sacerdotes são conhecidos como “Houngans” e as sacerdotisas como “Manbos”. Abaixo dos houngans e das manbos estão os hounsis, os noviços que atuam como assistentes durante cerimônias e são dedicados a seus próprios mistérios pessoais. Ninguém serve a qualquer loa, somente “tem” um deles, de acordo com o próprio destino ou natureza. Os espíritos que uma pessoa “tem” podem ser revelados em uma cerimônia, em uma leitura, ou nos sonhos. Entretanto, todo voduísta serve também aos espíritos de seus próprios antepassados de sangue. Esse aspecto importante da prática do Vodou é frequentemente subestimado pelos comentadores que não compreendem seu significado. O culto do antepassado é, de fato, a base da religião vodou e muitos loas como Agassou (um antigo rei do Daomé), por exemplo, são realmente ancestrais que foram elevados à divindade.

As festas e os sacramentos do vodou haitiano

O vodou moderno se enriquece com elementos europeus, especialmente o Catolicismo. As orações da Igreja Católica, como o Pai Nosso, a Ave Maria, são igualmente rezados no Vodou. A ladainha dos santos da Igreja Católica ocupa um lugar importante no ritual voduísta. Cada loa, ou seja, espírito do Vodou tem sua

correspondência nos santos da religião católica. O sacerdote voduísta começa a sua cerimônia com o sinal da Santa Cruz, o mesmo da religião católica. É comum escutar no Haiti, “tem que ser católico para ser um bom voduísta”.

O calendário do Vodou estabelece uma correspondência entre suas grandes festas e as festas católicas. Por exemplo:

- a Noite de Natal: considera-se como o tempo de sorte ou de felicidade, de preparação dos pós mágicos para os tratamentos, tempo dos banhos sagrados que fortalecem e protegem contra os sortilégios;
- 2 de novembro: festa dos loas Ghede, gênios da morte que, nesse dia, têm permissão para passear, de branco ou de preto, por onde quiserem: praças, ruas, mercados, estradas;
- durante a quaresma: todos os objetos usados no culto do Vodou são cobertos por um lençol, como as imagens nos templos católicos.

A comunhão tem também a virtude de aumentar o poder do praticante do Vodou. Há até loas considerados católicos, como é o caso de Dãmbala-Wedo. O casamento: é preciso cumprir antes as exigências do loa para poder contrair casamento na Igreja. Em geral, o verdadeiro casamento é o contraído com o loa. Recorde-se que cada praticante do Vodou considera-se esposa ou cavalo de um espírito. Fora de um casamento místico entre um praticante e um loa, é o pe savãn que faz o papel do padre católico. O loa ezili, a deusa do amor, exige ser desposada antes de aquele que a serve tomar mulher. De modo geral, o êxito de um casamento depende das oblações que se tiver feito aos loas. Oblações que são apresentadas nos cemitérios, nos túmulos dos parentes ou diante da grande cruz de Baro Samdi, senhor do cemitério. As missas dos mortos são indispensáveis aos olhos dos praticantes do Vodou. Graças a elas, o morto, permanente perigo para a família ou o grupo social, pode ser conjurado e se tornar favorável aos vivos (HURBON, 1988, p. 91).

Duas almas e um só corpo

Os haitianos praticantes do Vodou acreditam que o homem possui duas almas.

A primeira é *Gros bon ange*, cuja tradução significa “grande anjo bom”. Essa alma, segundo eles, tem a capacidade de sair do corpo enquanto a pessoa dorme. E, se não retornar, a pessoa morre. A outra, *Petit bon ange*, quer dizer “pequeno anjo bom”. Essa alma protege e guia o adepto. Quando a pessoa morre, ela permanece por alguns dias guardando o corpo. Somente após um

período de nove dias, contando a partir do sepultamento, é realizado um ritual para afastá-la.

Como a reencarnação faz parte da crença vodu, seus praticantes crêem que a *Petit bon ange* se transforma em algum objeto ou animal, geralmente uma grande serpente. Após a transformação, se os rituais de sacrifícios e cerimônias sob a responsabilidade dos parentes forem negligenciados, a vingança da *Petit bon ange* se volta contra eles.

A visão negativa a respeito do Vodou

O Vodou veio a ser associado, na mente popular, com fenômenos como “zombies” ou zumbis e “bonecas do Vodou”. Apesar de haver evidência etnobotânica relacionada à criação do “zumbi”, ele é um fenômeno menor dentro da cultura rural do Haiti e não uma parte da religião de Vodou em si. Tais coisas acontecem sob os auspícios do “bokor” ou do feiticeiro antes que do sacerdote do Loa Gine. A prática de furar com agulhas “bonecas vodu” foi usada como um método de amaldiçoar um indivíduo por alguns seguidores do que passou a ser chamado “Nova Orleans Voodoo”, uma variante local do hoodoo. Essa prática não é original do Vodou. As “bonecas do Vodou” não são uma característica da religião haitiana. Quando pensamos em Vodou, sempre nos vêm à mente bonecos sendo espetados por agulhas. Tal conceito pôde ser visto até mesmo em um recente comercial de TV, no qual uma garota faz uma magia contra um rapaz lançando mão de uma prática do Vodou. Contudo, esse grupo religioso misterioso envolve muito mais que isso. Queremos deixar bem claro: o que pretendemos, nesta matéria, não é promover o voduísmo, mas reportar seus mistérios e crenças exóticas, esclarecendo e informando nossos leitores sobre várias questões do Vodou haitiano.

O VODU COMO FENÔMENO CULTURAL

A palavra “cultura” aparece no século XI. Desenhando o trabalho da terra para produzir os vegetais, é sinônimo de agricultura. Assim, fala-se de monocultura, policultura ou de cultura em geral. Essa palavra guardou um sentido único até o século XVI e depois, os humanistas do Renascimento lhe deram um sentido ambíguo, sinônimo de espírito. No século XVIII, a Filosofia das Luzes deu-lhe um significado vizinho de educação, de transformação. Na mesma época, foi usada como sinônimo de civilização, progresso, educação e evolução. Enfim, “é o modo de

existir próprio do homem”. A partir do século XIX, a palavra começa a ser usada na Antropologia. Esta disciplina procura colocar em evidência uma síntese dela. Um antropólogo, Tylor B. Edward, define a cultura como “algo complexo que inclui todos os conhecimentos, as crenças religiosas, a arte, a moral, os costumes e os hábitos que o homem adquire como membro da sociedade”. Esse abordamento etnológico influenciou a Sociologia.

Nessa perspectiva, Alder L. Kroeber e Clyde Kluyckhohn escreveram e deram seu parecer sobre o conceito:

Cultura consiste em modelos, explícitos ou implícitos, de e para o comportamento, adquiridos e transmitidos por símbolos, constituindo a realização distinta de grupos humanos, incluindo a sua incorporação em artefatos; o coração essencial da cultura consiste em idéias tradicionais e especialmente nos valores atribuídos; sistemas de cultura podem, de um lado, ser considerados como produtos da ação, de outro lado, como elementos condicionantes de ação posterior (RABUSQUE, 1981, p. 42-43).

Tudo isto é válido, pelo menos pela massa de informações que fornece. De certa maneira, nos mostra que os antropólogos visam, pelo menos parece a um diálogo entre culturas, para o enriquecimento mútuo.

A Antropologia mostra que a humanidade é única, singular. Apresenta os valores de todos os povos e culturas. Ensina a aborrecer o fanatismo etnocêntrico, insensato, quer ele proclame a superioridade racial, quer alardeie a sua cultura como a única válida. A Antropologia cultural inculca a igualdade dos povos, com suas aspirações da mais variada natureza. E traz à consciência de todos o fato de que, conquanto cidadãos do mundo, não é possível sopitar a ânsia pelo transcendente, manifesta em todas as culturas.

Visão do mundo

Se uma cultura é, antes de tudo, uma visão do mundo, não mais uma religião, então o Vodun é uma cultura. Nesta perspectiva O Courlander diz assim: “o Vodun é um sistema de um conjunto de conceitos que se referem à conduta humana, às forças naturais e sobrenaturais”.

Podemos entendê-lo como uma complexa e mística visão do mundo, no qual o homem, a natureza e o invisível estão extremamente ligados, não há nenhuma separação entre o sagrado e o temporal, entre o santo e o profano, entre o material e o espiritual.

Além do mais, o Vodou não tem só conceito espiritual, ele ordena um modo de vida. Existe uma filosofia por trás e um código ético que regula o comportamento social. Pedimos emprestadas as palavras do conceito de cultura da conferência Episcopal de PUEBLA;

Com a palavra cultura indica-se a maneira particular como, em um povo, os homens cultivam as suas relações com a natureza, entre si mesmos e com Deus, de modo que possam chegar a um nível verdadeira e plenamente humano. É o estilo de vida comum que caracteriza os diversos povos; por isso é que se fala de pluralidade de culturas. Assim entendida, a cultura abrange a totalidade da vida de um povo: é o conjunto de valores que o animam e de contravalores que o debilitam, e que, ao serem partilhados em comum por seus membros, reúnem a estes sobre a base de uma única consciência coletiva. A cultura abrange também as formas, através das quais esses valores ou contravalores se exprimem ou se configuram, isto é, os costumes, a língua, as instituições e estruturas de convivência social, quando não impedidas ou reprimidas pela interferência de outras culturas dominantes (RABUSQUE, 1981, p. 43-44).

O essencial da cultura é constituído pela atitude com que um povo afirma ou nega uma vinculação religiosa com Deus; pelos valores ou contravalores religiosos. Estes se referem ao sentido último da existência e têm sua raiz naquele foco mais profundo, onde o homem encontra resposta às perguntas básicas e definitivas que o questionam, e as encontra tanto em uma orientação positivamente religiosa, como também, por outro lado, em uma orientação atéia.

A importância do Vodou no Haiti ultrapassa o âmbito religioso. O turismo haitiano tem explorado o voduísmo com afinco. A ministra do turismo, Martine Deverson, disse: “Hoje em dia existe uma consciência maior do patrimônio cultural do Haiti, e o Vodou, apesar de frequentemente ser confundido com magia negra, pode ser fator de atração para os visitantes”.

As crenças dessa religião estão constituídas por uma visão do mundo diferente das crenças da cultura ocidental. Os haitianos descendentes da África não percebem o mundo como “filhos de Abraão”, diz o professor Michel Alliot. Este elemento fundamental da cultura haitiana, o Vodou, é o elemento principal da mentalidade haitiana. Em linguagem corrente, diz-se que 95% dos haitianos são

católicos e 100% adeptos do Vodou. Tanto é assim que, às vezes, é difícil determinar onde acaba o catolicismo e começa o voduísmo.

RELAÇÃO ENTRE VODU E OUTROS ELEMENTOS DA CULTURA HAITIANA

A língua Creole e Vodou

Até 1987, o francês era a única língua oficial do país. A língua “creole” era discriminada pela elite, dominantes e dirigentes do país. Perguntar a um haitiano o que pensa do Vodou, do creole, é uma forma de pedir-lhe sua classe social, sua visão política, seu conceito da luta política e sua visão do futuro da sociedade haitiana. É muito difícil o haitiano rejeitar o creole sem sentir uma falha na sua personalidade. O creole teve o mesmo caminho que o Vodou, portanto, é chamado a desempenhar o mesmo papel. O professor Joseph Désir reconhece-o: “Veículo privilegiado de uma herança... nada podia impedir-lhe jogar o seu papel histórico como instrumento de coesão e de unidade nacional. É graças à língua creole que nossas tradições orais existem, permanecem e se transformam”. Assim, observamos que o creole, como o Vodou, será a expressão direta das relações de classe no país.

Música popular e Vodou

Igualmente importantes e partes das artes haitianas, a música e a dança ocupam os primeiros lugares na cultura popular de antanho e dos tempos modernos. Não é novidade saber que os escravos naturais do continente africano eram destacados sempre pelos dons musicais. O negro era e é, antes de tudo, um compositor, um mestre na área do movimento e da melodia harmoniosa. Como muitas vezes escutamos dizer, o negro tem a música e a dança no sangue. O sistema escravista não conseguiu acabar ou eliminar esses seus dons inatos, ao contrário, foram vivificados por esse período histórico. A dança e a música seriam meios utilizados pelos escravos para uma revolta sob a forma de divertimento. A música popular de inspiração vodou permite ao povo expressar as suas reivindicações fundamentais.

Chegamos ao fim dessa leitura apaixonante convencidos de que o Vodou é uma solução de sobrevivência para o povo haitiano,

visto que o ajuda a tomar consciência “recusando as rupturas no enredo no mundo”.

Apresentamos algumas idéias de Edvino A. Rabusque, que consideramos de grande importância, mostrando ser o vodu uma dimensão religiosa e cultural da “raça humana”, especialmente a negra.

Todos os homens têm a mesma natureza, tanto na dimensão espiritual quanto na dimensão corporal. Não há raça superior; pelo menos não há evidência biológica que pudesse fornecer uma razão para o preconceito racial (RABUSQUE, 1981, p. 51).

Portanto, o Vodou, como fenômeno cultural, deve ser compreendido e avaliado em termos da cultura de que faz parte. Ele, como manifestação religiosa e cultural, dentro da “pluralidade das culturas”, deve, em princípio, ser visto tendo o mesmo valor.

O estudo antropológico tem, como papel, superar a tendência etnocentrista, especialmente a eurocentrista, de considerar os valores religiosos e culturais ocidentais como profundos, naturais ou humanos, e os de outros povos como selvagens, imorais, feiticeiros, carecendo de todo fundamento objetivo. O verdadeiro fundamento da cultura é a natureza humana. Este fundamento é um potencial dinâmico tão rico que não apenas permite, mas até exige a diversidade das culturas no nível das manifestações. Logo, o fundamento do Vodou é a natureza negra. A pluralidade dos modos de ligar-se com o sagrado. Aqui poderia objetar-se a possibilidade de conhecer os outros na sua alteridade, não simplesmente no egocentrismo e no etnocentrismo.

Assim, insistimos que este estudo não trata de aceitar ou não a hierarquia de forças e de seres do mundo sagrado e sobrenatural dessa religião, mas compreender e respeitar esse traço cultural. Para tal compreensão, é necessário considerar o respectivo contexto cultural, em que esse traço cultural exerce uma função. Aceitar tal crença como objetivamente verdadeira é outro caso.

Também não foi objetivo igualar essa cultura, essa religião a outras, nem impô-la, o importante é aceitar a sua dimensão na perspectiva pluri e multicultural, aceitando que seja diferente, mantendo a esperança em uma comunhão futura, porque não existe um mundo branco e um mundo negro, existe só e absolutamente o mundo humano.

Provar a atitude dos negros para a civilização, refutar a definição do mundo negro como lugar por excelência para o

desenvolvimento da tirania, do canibalismo e da superstição: tal será o objetivo de uma Antropologia haitiana nascente.

O que antes era um fato religioso em sua simplicidade, uma forma de comunicação do fiel com o sagrado, converte-se em uma arma contra a desesperança e a humilhação: os loas, os santos do “santuário” descem sobre eles, os protegem e governam sua violência. Os colonizados defendem-se da alienação colonial acrescentando a alienação religiosa. Ao final, o único resultado é que eles acumulam ambas as alienações, pois uma reforça a outra.

Abstract: This study presents the religious and cultural reality in the Haitian world, specially the popular syncretistic religion people practice, “voodoo”. The aim of this study is not to promote voodooism, and it is not a defense of voodoo either, not even a philosophical analysis of the spiritual and cultural universe of this people. Rather, it is an attempt to report its mysteries and exotic beliefs, clarifying and informing our readers. Voodoo is presented as a view to the world, focusing on Haitian people’s fight for affirmative actions concerning their identity by rebelling against the dramatic conditions of their history. Voodoo is part of the history of resistance to slavery. Such resistance has been fought mainly on the basis of their ancestors’ beliefs. Finally, the aim of this investigation is to show how voodoo is not only a religion, but culture, since it has worked as a way of growing African Haitians’ awareness against an unhappy existence. All in all, it offers grounding and objectives to this population. It allows them to find themselves. It allows them to find their place in the world, interpret themselves as rational beings, and understand their specifically human condition.

Key words: culture; religion; Voodoo; Haiti; civilization-blackness.

Referências

CONE, H. James. *O Deus dos oprimidos*. Tradução José Xavier. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

FRANTZ, Fanon. *Los condenados de la tierra*. México: Fondo de Cultura Económica, 1963.

FRANTZ, Fanon. *Piel negra, máscaras blancas*. Buenos Aires: Editorial Abraxas, 1973.

LAËNNEC, Hurbon. *El bárbaro imaginario*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

LAËNNEC, Hurbon. *O Deus da resistência negra*. O Vodou haitiano. Tradução Valdecy Tenório. São Paulo: Paulinas, 1987.

MARX, Karl. *Sobre a Questão Judaica*. McLELLAN, David, As Idéias de Marx, Tradução de Neto, Aldo Bocchini. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

RABUSQUE, Edvino A. *Antropologia filosófica*. Porto Alegre: Escola superior de Teologia. São Lourenço de Brindes, 1932.